

O Natal e os seus contrários

Rita Ribeiro

Habituamo-nos a pensar no Natal como uma festa que reúne e como uma experiência comum, partilhada por todos da mesma maneira. Não é. Há muitos reversos nesta festividade que se celebra há dois mil anos e que começou num nascimento furtivo no Médio Oriente.

O Natal é tempo de aconchego, luz, esperança e renovação, mas acontece no tempo frio de inverno, quando a natureza ainda tem tudo no ventre da terra e a escuridão é mais pesada. A abundância do consumo fácil e demasiado, os brilhos alucinantes, as sonoridades saltitantes e os artifícios de alegria contrastam com o pousio do mundo natural. À humildade da mensagem de um nascimento simples que todos os presépios evocam, sobrepõe-se o desprezo pela pobreza e a gritante injustiça entre aqueles que, tendo muito pouco, são acusados da insolência de pedir um pouco mais e aqueles que tendo muito, e cada vez mais, não admitem o privilégio e a rapinagem.

As injunções à solidariedade comovem corações e soltam os cordões das bolsas. Sentem alguns o peso na consciência pela desgraça dos outros. A doença, a fome, o frio ou a guerra fazem estremecer o nervo da compaixão, mas estão quase sempre do outro lado do mundo, no outro canto do país, muito ao fundo da nossa rua. Ainda assim, antes a esmola, sentida, distraída ou pretensiosa, do que a indiferença ou a sobranceria face aos que “não melhoraram a sua vida porque não se esforçam suficientemente”, como se a injustiça social pudesse ser vencida pela vontade de quem se esgota no trabalho penoso e para um salário que só não rouba a sobrevivência rasteira.

No Natal vive-se também mais intensamente a lei da vida e da morte. Nas famílias, sucedem-se ou sobrepõem-se os ciclos dos nascimentos e da cândida felicidade trazida pelos mais novos e dos lutos pelos que morreram ou por aqueles de quem a vida se despede a cada dia e de quem antecipamos a saudade dolorosa. Para todos a contagem é decrescente, mesmo se o Natal consegue o milagre da sua suspensão por um dia. Na verdade, só há celebração do nascimento de Jesus porque ele morreu e a sua morte inspirou os vivos.

O Natal não é sempre o aconchego de estar com “os nossos”. Às vezes em casa estão os agressores e a prolongada agonia das relações violentas. Às vezes não há casa. Para o imigrante e o refugiado sobram a distância, a saudade e a angústia do futuro. Por vezes são constrangidos a celebrar um Natal alheio, com deuses e calendários festivos desencontrados. São vidas partidas entre a oportunidade e a perda, entre a cama e a mesa seguras para os filhos e o medo de nunca mais voltarem a ser vistos para lá do véu pesado do preconceito. Para os solitários, o Natal só acrescenta mais solidão. Acabrunhados pela tristeza, disfarçados na multidão ou intolerantes ao simulacro das emoções, revisitam as feridas do passado. De todos nós, são aqueles que, secretamente, têm uma esperança mais genuína no Natal.

Por isso, quando vemos uma mesa abundante, pinheiros com decorações brilhantes, ruas iluminadas com estrelas ou animadas trocas de presentes não devemos presumir que entendemos o que ali se está a passar. Há muitos Natais diferentes a acontecer, mesmo que se cantem as mesmas canções melosas e usem as mesmas máscaras sorridentes. Para uns a felicidade aguarda no presente desembrulhado com ânsia ou na mesa de baixela dourada a que se sentam muitos convivas. Para outros, o Natal é o recolhimento e o silêncio, por escolha ou por infortúnio. Para quase todos a felicidade é o tempo para o encontro comprometido e límpido com os seres que fazem de nós humanos – e não é isso sagrado?

Guerra e paz, abundância e escassez, tristeza e alegria, casa e desterro, celebração e solidão, com tudo convivemos irreflectidamente, empurrados pela enxurrada de coisas que não escolhemos viver. O Natal é humano e cheio das contradições dos humanos.